

## EDITORIAL

*“Quem não espera o inesperado nunca o encontrará”.*

*Paráfrase do fr. 18 de Heráclito*

Entre os bens que tornam a vida humana digna de ser vivida – e que produzem aquele estado de ânimo sobre o qual, segundo Aristóteles, todos estão de acordo, pelo menos quanto ao nome de *eudaimonia* –, certamente se conta a amizade. Não por acaso foi Aristóteles quem dedicou dois livros inteiros da sua *Ética a Nicômaco* (Livros VIII e IX) para tratar da natureza da amizade, pois ela ou é uma forma de excelência moral ou é concomitante com a excelência moral.

Entretanto, alguns dos bens que tornam a vida verdadeiramente humana são bens imprevisíveis que se nos apresentam quando menos esperamos. Esses são mais facilmente acolhidos quando não se pretende que a vida boa só possa ser vivida como resultado de um plano racional, cujo fim já está de algum modo estabelecido. O fato de nenhuma vida poder escapar totalmente aos imprevisíveis do acaso revela o elevado grau de fragilidade do bem humano, que exige de nós uma abertura de espírito capaz de acolher as surpresas que a vida reserva, pois os imprevisíveis podem revelar formas de felicidade de cuja existência nem mesmo desconfiávamos.

Comecei com a paráfrase do aforismo de Heráclito porque estou convencido de que a amizade é um desses bens imprevisíveis que enriquecem a excelência de uma vida humana, podendo mesmo transformá-la radicalmente. Essa percepção já estava presente em Platão, e não apenas no diálogo *Lisis*, que enfrenta especificamente o tema da amizade. É o que mostra Maurizio Migliori, partindo da análise semântica da *philia* nos diálogos platônicos, para revelar a sua função sociopolítica: a amizade, como partilha de vida e de atitudes que podem se transformar em amor, é um elemento estável e útil à vida social. Essa mesma figura da *philia* abre a o tema da relação com a divindade. É o que encontramos no texto de Thomas Szlezák: a compreensão platônica da *philia*, tanto no âmbito da comunidade política como no da relação amorosa, inclui também a relação com o divino. O *theophiles* em Platão é o homem que vive de modo justo e devoto, mas é também o dialético, capaz da visão das Ideias.

Uma das expressões da estabilidade dos laços sociais criados pela *philia* é, justamente, a idéia de justiça como reciprocidade: o amigo, dirá Aristóteles, é um “outro eu”. É a concepção grega da justiça como virtude fundamental e como princípio de reciprocidade que encontraremos, segundo a reflexão de Anna Jellamo, na base do princípio geral do direito: *suum cuique tribuere*. E no texto de Hardy Neumann Soto, ele se volta para um dos elementos de grande

importância para a compreensão da *Retórica* de Aristóteles, a saber, a determinação e a função das afecções (*pathe*) na existência humana, concentrando-se no que tangencia a questão da amizade (e por vezes dela faz parte a “despeito de”): a análise do *pathos* específico do medo (*phobos*) para mostrar que, segundo Aristóteles, essa afecção tem um papel específico na vida humana, que ultrapassa em muito a sua caracterização como simples recurso retórico.

E como a *Hypnos* costuma expandir o tema central de um número a alguns outros, a partir da experiência fundante da reciprocidade e da semelhança que o mundo antigo pôde pensar o conceito de bárbaro – orientado para além da tradicional posição de exclusão ou negação diante da língua, do território ou da política –, nessa direção aponta a reflexão de Caio Moura quanto ao estatuto da barbárie no mundo antigo. Tem-se, ainda, o texto de Miguel Spinelli, que explora alguns paralelos entre o *De rerum natura* de Lucrecio e a *Eneida* de Virgílio em torno à figura de Vênus e das significações que se lhe atribuem, com o objetivo de destacar, também, a recepção da doutrina de Epicuro em Roma, mediante a obra de Lucrecio.

Já o texto de André Malta trabalha em chave comparativa, buscando na discussão entre Sócrates e Hípias, relatada no *Hípias menor*, elementos para entender a caracterização dos personagens Aquiles, Agamemnon e Odisseu, na *Iliada* de Homero. Finalmente, o escrito de Ricardo Espinosa Lolas realiza um cuidadoso exercício hermenêutico para afirmar que os métodos hegelianos de interpretação filosófica e, particularmente, de interpretação de Platão é um método, ao mesmo tempo e eminentemente, histórico e político. Isso se evidencia pela releitura que Hegel faz da *República* de Platão para repensar a Alemanha de seu tempo.

A publicação de mais este número da *Revista Hypnos* é um convite a deixar-se surpreender pelas reflexões sobre questões antigas e novas da filosofia. Desde os primórdios dessa aventura humana de “amizade pelo saber”, a experiência de comunhão e de cooperação na pesquisa foi assinalada como algo essencial ao seu desenvolvimento. É o que afirma Aristóteles no segundo livro da *Metafísica* (993 a 30-b14), quando explicita que a pesquisa da verdade é, por um lado, difícil e, por outro, fácil. A prova disso é que é impossível para qualquer um apreender adequadamente a verdade, ao mesmo tempo em que é igualmente impossível não apreendê-la de modo nenhum. Se as contribuições individuais ao conhecimento da verdade podem não representar grandes avanços no seu conhecimento, da união das conquistas individuais decorre um resultado apreciável.

Inspirados nessa ideia de comunidade de pesquisa, oferecemos aos leitores mais um elo na cadeia de amizade pelo saber que acomuna os que buscam o conhecimento da verdade. Aristóteles, para concluir por onde começamos, estava convencido de que o provérbio “os bens dos amigos são comuns” é a expressão da verdade, pois a amizade depende da participação (*Ética a Nicômaco*, 1159 b).

Marcelo Perine  
Conselho editorial